

AS RELAÇÕES ENTRE OS MOVIMENTOS FASCISTAS E A IGREJA CATÓLICA NAS PÁGINAS DOS JORNAIS ANARQUISTAS *A PLEBE* E *A LANTERNA* (1932-1935)

André Rodrigues (UEM)

Resumo: Na década de 1930, uma das principais preocupações debatidas pela imprensa anarquista brasileira foi à ascensão de diversos movimentos e regimes fascistas e, conseqüentemente, a tentativa de criar meios para promover uma resistência antifascista. Entretanto, o antifascismo anarquista não é um tema muito estudado, geralmente são feitas apenas algumas menções ao assunto em trabalhos que enfocam o período, mas analisando os periódicos libertários, podemos observar que os anarquistas desenvolveram uma série de atividades de caráter antifascista, como comícios, reuniões, conferências públicas, distribuição de manifestos, etc. Desse modo, por meio do presente estudo buscamos analisar um dos traços marcantes do imaginário antifascista dos anarquistas nos anos 30, que foi o alto grau de identificação que estabeleceram entre a Igreja Católica e os movimentos fascistas. Escolhemos ter como fonte de análise as edições dos jornais libertários *A Lanterna* e *A Plebe*, porque identificamos que existia uma vinculação entre seus grupos editores. Observamos pela leitura dos dois jornais que ambos contavam com muitos colaboradores em comum; não raro, publicavam artigos de proeminentes militantes anarquistas do período, como Maria Lacerda de Moura, Florentino de Carvalho e José Oiticica.

Palavras-chave: jornais anarquistas; antifascismo; imaginário.

Introdução/ Justificativa

Após o findar do período repressivo que marcou o Governo Washington Luiz, no limiar dos anos 30 ocorreu uma reestruturação do movimento anarquista em São Paulo. Primeiramente em 1931, os grupos libertários que atuavam nos sindicatos reorganizaram em nível estadual a Federação Operária de São Paulo (Fosp), que passou a congregar um grande número de sindicatos da capital paulista, já em 1933, é fundado o Centro de Cultura Social, que se tornou sede de uma série de atividades políticas e culturais de cunho anarquista ¹. No decorrer desse período, algumas publicações anarquistas que haviam circulado em momentos anteriores voltaram a ser editadas, como os jornais *A Plebe*, *A Lanterna* e *Alba Rossa*, sendo também, que novas publicações surgiram como o jornal *O Trabalhador* e a revista *I Quaderni della Libertá*.

¹ Sobre a reorganização da Federação Operária de São Paulo (Fosp) ver: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. Estado e trabalhadores. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro (org.). *Do corporativismo ao neoliberalismo: Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. Já sobre o Centro de Cultura Social ver: GERALDO, Endrica. Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951). *Cadernos AEL-Anarquismo e anarquistas*. Nº8/9, p. 165-192, IFCH, Campinas, 1998.

Nesse momento em que o movimento anarquista se reorganiza, uma das principais preocupações debatidas pela imprensa libertária foi à ascensão de diversos movimentos e regimes fascistas e, conseqüentemente, a tentativa de criar meios para promover uma resistência antifascista. Entretanto, o antifascismo anarquista não é um tema muito estudado, geralmente são feitas apenas algumas menções ao assunto em trabalhos que enfocam o período, mas analisando os periódicos libertários, podemos observar que os anarquistas desenvolveram uma série de atividades de caráter antifascista, como comícios, reuniões, conferências públicas, distribuição de manifestos, etc.

Desse modo, tendo como fonte de análise as edições dos jornais *A Plebe* e *A Lanterna* que circularam nos anos 30, buscamos analisar um dos traços marcantes do imaginário antifascista dos anarquistas, que o foi alto grau de identidade que estabeleceram entre os movimentos fascistas e o catolicismo.

De acordo com o filósofo polonês Bronislaw Baczko, os imaginários sociais são constituídos por representações coletivas que são capazes de moldar os comportamentos e informar sobre a realidade, ao mesmo tempo em que também podem indicar formas de ação:

Com efeito, o imaginário social informa acerca da realidade, ao mesmo tempo em que constitui um apelo à ação, um apelo ao comportar-se de determinada maneira. Esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização nos indivíduos, modelando os comportamentos, capturando as energias e, em caso de necessidade, arrastando os indivíduos para uma ação comum (BACZKO, 1985, p.311).

O imaginário antifascista dos anarquistas era formado por uma identidade coletiva própria, na qual se assentavam valores e símbolos que buscavam modelar os comportamentos coletivos e individuais, ao mesmo tempo em que também constituía um apelo para a ação conjunta na luta contra os movimentos fascistas e aquela que os libertários consideravam a sua grande aliada, a Igreja Católica. Nesse contexto, a imprensa libertária teve um papel extremamente significativo na difusão do imaginário antifascista anarquista, já que atuava como instrumento de propaganda, buscando influenciar diretamente na formação política de seus leitores.

Para o nosso estudo, escolhemos ter como fonte de análise as edições dos jornais libertários *A Plebe* e *A Lanterna*, porque identificamos que existia uma vinculação entre seus grupos editores. Observamos pela leitura dos dois jornais que ambos contavam com muitos colaboradores em comum; não raro, publicavam artigos de proeminentes militantes anarquistas do período, como Maria Lacerda de Moura, Florentino de Carvalho e José Oiticica.

Na década de 1930, tanto *A Plebe* como *A Lanterna*, já possuíam uma vasta tradição libertária na cidade de São Paulo. *A Lanterna* surgiu em 1901, como periódico anticlerical tendo como redator-chefe o advogado e anarquista Benjamim

Mota, sendo editado até 1904, quando por motivos de conflito dentro do grupo editorial, o periódico deixa de circular ²

A segunda fase de publicação de *A Lanterna* teve início em 1909, quando Edgard Leuenroth e Benjamim Mota se associaram para retomar com a publicação do jornal, mas como a “vida das folhas que representavam resistência a poderes constituídos era sempre muito difícil, por sua própria natureza”, param com as publicações em 1916. (KHOURY, 2007, p.118).

Já a terceira e última fase de publicação de *A Lanterna* ocorreu entre 1933 e 1935, sendo publicado um total de 48 edições, que apareciam geralmente de forma quinzenal, aos sábados. O jornal era editado em quatro páginas e embaixo do cabeçalho aparecia a seguinte frase: “Jornal de Combate ao Clericalismo”. Possuía algumas colunas fixa, como *Lata de Lixo*, na qual zombavam de frases de teor religioso ditas por católicos e a *Catecismo Herege* na qual havia frases de pensadores anarquistas e anticlericais que criticavam a Igreja Católica.

O periódico *A Plebe*, surgiu em 1917, durante os fortes movimentos grevistas que marcaram esse ano (LOPREATO, 2000). O jornal veio para substituir *A Lanterna* que havia deixado de circular no ano anterior. Essa folha funcionava como “um significativo instrumento na construção da greve geral declarada e sustentada durante esse ano” (KHOURY, 2007, p.120). Apesar de várias interrupções, *A Plebe* “foi publicado entre 1917 e 1951, chegando a sair diariamente durante um curto período em 1919” (BATALHA, 2000, p.64).

Entre 1932 a 1935, *A Plebe*, era composta por quatro páginas, aparecendo de forma semanária, sendo publicado um total de 102 edições. Embaixo do cabeçalho possuía a seguinte frase “Periódico Libertário”. O jornal funcionava como um portavoz da FOSP, sendo que na última página existia a coluna *Movimento Operário*, na qual eram publicadas às notas oficiais dessa organização sindical.

Tendo em vista a importância desses jornais, que são alguns dos mais representativos periódicos anarquistas do período, e também a relativa escassez de estudos sobre a atuação dos libertários no Brasil dos anos 30, nossa proposta é realizar uma análise de *A Plebe* e *A Lanterna*, com destaque para o tema do imaginário antifascista dos anarquistas, que identificava na Igreja Católica uma grande aliada dos movimentos fascistas.

Objetivos:

- Analisar a relação entre o antifascismo e o anticlericalismo na imprensa anarquista de São Paulo na década de 1930;
- Demonstrar como os anarquistas estavam imaginando a relação entre a Igreja e os movimentos fascistas em diversas partes do mundo;
- Apresentar as críticas que os anarquistas fizeram ao Tratado de Latrão;
- Demonstrar como os anarquistas perceberam o movimento integralista e suas ligações com o catolicismo.

Resultados:

² Benjamim Mota foi um dos mais importantes anarquistas brasileiros do início do século XX, desde que havia publicado, em 1898, o livro *Rebeldias* um dos primeiros livros de autor brasileiro sobre o tema do anarquismo (TOLEDO, 1993, p. 51).

No Brasil, onde o regime republicano e o Estado laico eram recentes, entre o fim do século XIX e o início do XX, o anticlericalismo tornou-se uma bandeira comum a grupos identificados aos mais diversos matizes políticos, mas que compartilhavam a defesa de uma sociedade laica cuja base era a existência e desenvolvimento do indivíduo racional: liberais, maçons e agnósticos, bem como socialistas e anarquistas, além de livres-pensadores em geral. Em meio a esse contexto, os anarquistas passaram a exercer um papel de destaque no movimento anticlerical, pois possuíam “os discursos e as práticas mais radicais”, atacando com veemência a Igreja através de seus órgãos de imprensa (VALLADARES, 2000, p.11).

Nos anos 30 com a reorganização do movimento anarquista em São Paulo, os libertários voltaram a exercer uma ampla militância anticlerical, ainda mais com a retomada das publicações de *A Lanterna* em 1933, pois os redatores do jornal passaram a organizar uma série de reuniões, conferências e festivais de caráter crítico a Igreja Católica. Essas atividades eram amplamente divulgadas na imprensa anarquista como, por exemplo, nesse anúncio de um festival que aparece em *A Lanterna* na edição de 12 de julho de 1934:

Programa:

Ato comemorativo em que fará uma palestra sobre a ação clerical o companheiro Everardo Dias e falarão vários representantes das ligas anticlericais de várias cidades: representação da peça “LEÃO X” – o acelerado João de Médiçi – tragédia em verso, de Andrade Silva, velho colaborador de “A Lanterna”, na fase anterior: representação da comédia anticlerical “Vozes do Céu”, excelente trabalho literário de Mota Assunção, teatralizado pelo nosso companheiro Souza Passos; ato variado, com números escolhidos do canto, música declamação e recitativos.

Os ingressos podem ser procurados em nossa redação e com os membros da comissão, nos respetivos centros e lojas.

A COMISSÃO! (A LANTERNA, 1934, p.02).

Com a retomada da militância anticlerical libertária, umas das questões mais debatidas pela imprensa anarquista foram às ligações entre o catolicismo e os movimentos fascistas, principalmente com o fascismo na Itália e o integralismo no Brasil. Dentro do imaginário anarquista, as vitórias dos movimentos fascistas representavam também algum ganho para a Igreja Católica: “Acordo de Latrão, ensino religioso nas escolas, dinheiro para o Papa, perseguição aos inimigos da igreja, como os maçons e a agora os judeus, etc.” (PASSOS, 1933, p.01).

Na década de 1930, a posição da hierarquia católica esteve muito próxima das medidas adotadas por regimes de caráter autoritário, fascista ou conservador; sendo que grande parte dos membros da Igreja se posicionou contra o liberalismo e o comunismo, que eram interpretados como “doutrinas materialistas que pretendiam separar o espírito da matéria, o indivíduo da personalidade, ou mesmo a Igreja do Estado” (CORDEIRO, 2013, p. 95-96). A partir da reação antiliberal e anticomunista, houve uma tendência geral entre o clero em compactuar com regimes autoritários como os de Mussolini, Hitler, Franco, Salazar, etc. (CORDEIRO, 2013).

Com a aproximação da Igreja com os regimes e movimentos autoritários, os anarquistas chamaram a atenção para o fato de que o clero através de suas “rodas

clericalis” e órgãos de imprensa atestar o fim da democracia e a necessidade de regimes autoritários baseados na hierarquia, nos quais a falta de liberdade permitiria a Igreja reviver o seu amplo domínio das consciências. Dessa forma, no imaginário anarquista a fusão da luta anticlerical com a antifascista era extremamente importante, pois era a única forma de impedir que o Brasil fosse governado por um regime “fascista-clerical”, como os que já foram implantados na Alemanha nazista e na Itália fascista (ROGÉRIO, 1935, p. 01).

Nesse contexto, um dos temas de maior preocupação na imprensa anarquista foi à assinatura do Tratado de Latrão pelo Papa Pio XI e Mussolini em 1929. Por meio desse documento era reconhecida a soberania da Santa Sé sobre o Vaticano, que passou a ser um Estado independente da Itália, inviolável e neutro. Desse modo, se resolveram os atritos entre a Igreja e Mussolini, sendo que esse último conseguiu angariar o tão esperado apoio católico para o regime (BERTONHA, 2006)³. *A Lanterna* a partir de uma linguagem pejorativa demonstrou os benefícios que o Tratado de Latrão gerou para ambas as partes envolvidas:

E as igrejas enchem-se, e os padres enriquecem, e a religião cria prestígio e o Papa conquista sua autonomia, fazendo um acordo leonino com o chefe dos fascistas, o nefando Mussolini, que admite o Vaticano como Estado livre, dando ainda ao Papa, dos cofres públicos, 2 ou 3 bilhões de liras, para se sustentarem mutuamente de pé, para engodarem o povo, para protelarem indefinidamente o seu nefasto predomínio, a sua nefasta influência de aves de rapina a dilacerarem a humanidade resignada, ignorante e sofredora (ALDO, 1933, p.04).

O professor e militante anarquista José Oiticica no artigo *E amanhã?* publicado em *A Lanterna*, na edição de 13 de julho 1933, demonstrou que apesar de Mussolini e a Igreja estarem se beneficiando mutuamente por meio da aliança consolidada, ambos estavam fadados a serem destruídos pelos movimentos de revolta da classe trabalhadora italiana, que um futuro próximo não suportará mais ser “escorchada” e “constrangida” pelas autoridades fascistas e católicas. Sendo assim, essa era uma aliança que enquanto existisse seria para a “vida” e para a “morte” das duas partes envolvidas:

Essa aliança, dadas às condições do acordo e a posição política do aliado, há de ser para a vida e para a morte como a de todos os namorados. Vai ser para a vida, quer dizer para o enriquecimento mútuo, para o enrijamento e garantia dos dois aparelhos de sucção, o fascista e o católico, ambos com suas ventosas terminais aplicadas coercitivamente no costado sanguejante dos trabalhadores italianos. Vai ser aliança para a morte, quando, em época talvez não muito longe, a revolta proletária se desencadear na Itália (OITICICA, 1933, p.01).

³ Como bem destacada o historiador João Fábio Bertonha, o Tratado de Latrão significou uma aliança, não uma fusão ou uma submissão incondicional da Igreja, “pois não só esta não pretendia perder a sua autonomia, como dificilmente era possível ver na ideologia fascista italiana, apesar de suas pontes com o mundo católico, um movimento puramente católico ao qual seria possível dar apoio completo e total” (BERTONHA, 2008, p.279).

Entretanto, o que mais incomodou os anarquistas no Tratado de Latrão foi o fato de existirem no Brasil milhares de padres e religiosos vindos do exterior, principalmente da Itália, que segundo *A Plebe* exerciam influência tanto na política quanto na educação brasileira, o que já era algo o suficiente para se levantar suspeitas: “Presos por um voto de obediência a um governo estrangeiro não se justifica, realmente, essa tolerância a um governo estrangeiro, não numa ameaça permanente a tranquilidade nacional” (A PLEBE, 1932, p.01). De acordo com o jornal, perante a aliança entre a Igreja Católica e o Estado Italiano, a primeira poderia ter se tornado uma espécie de “milícia fascista” para agir no exterior: “Dando à Igreja privilégios e dinheiro, Mussolini teria obtido do Papa o compromisso de transformar o seu imenso exército de padres numa espécie de milícia fascista para uso externo” (A PLEBE, 1932, p.01) ⁴.

Na década de 1930, para alarmar ainda mais os anarquistas sobre uma possível ameaça “fascista-clerical” no Brasil, surgiu a Ação Integralista Brasileira (AIB) em 07 de outubro de 1932, que como organização política legal existiu até fins de 1937. Em seus aspectos ideológicos, organizacionais e métodos de ação política, a AIB está inserida dentro dos partidos e movimentos fascistas “que surgiram entre o fim da Primeira Guerra Mundial e a ascensão do nazismo na Alemanha, em 1933” (MAIO; CYTRYNOWSKI, 2010, p. 41-42). A AIB tinha como lema “Deus, Pátria, Família”, para essa organização o militante integralista deveria agir em consonância com os princípios do cristianismo.

A existência do movimento integralista incomodou demasiadamente os anarquistas. *A Lanterna* denunciava que o clero em sua ânsia de aumentar o poder, têm apoiado movimentos autoritários que eram favoráveis a Igreja Católica, como: “integralismo, fascismo e nacionalismo” (ORLANDO, 1933, p. 03). *A Plebe* por sua vez, ressaltou que no Brasil o clero tem apoiado o Integralismo, porque esse é um movimento autoritário quem em defesa da religião cristã tende a cometer as maiores atrocidades:

O clero católico romano, que nestes últimos dias tem aplicado todos os processos engenhosos para dominar o Brasil, teria de qualquer forma que apoiar esse movimento, porque lhe traria vantagens e garantias para continuar a exploração sentimental que lhes permite o domínio das consciências.

Movimento reacionário, que pretende bestificar o povo e reduzi-lo a situação humilhante de obediência passiva, nasceu o integralismo para desenvolver as guerras, fazer derramamento de sangue, tudo em defesa da religião e para o bom nome de Cristo (A.L.O, 1935, p.02).

Dentro do imaginário anarquista, o movimento integralista era utilizado pelo clero de forma estratégica, para que conseguisse impor a população brasileira um regime autoritário de “compressão e violência”, no qual a Igreja conseguiria impor o “escravagismo das consciências” e a “volta ao conceito de direito divino” como o que existia no passado no período das “guerras santas” (LEÃO, 1934, p.04). Sendo

⁴ Apesar dos exageros nas denúncias de que os clérigos italianos eram uma espécie de “milícia fascistas” no exterior, de fato, esse imaginário tinha lá as suas razões para existir, pois como bem demonstrou o historiador João Fábio Bertonha (2008), muitos padres italianos residentes no Brasil desde o baixo até o alto clero, atuaram no sentido de difundir uma imagem favorável do fascismo entre a comunidade católica italiana.

assim, acreditavam que era dever da “mocidade culta” lutar para que o Brasil não se tornasse um país dominado pelo poder reacionário da união consolidada entre o integralismo e a Igreja Católica:

Contra o integralismo, que é o mesmo que dizer contra a política do clero, deve erguer-se a voz consciente da mocidade culta, se queremos, espalhados pelos sertões a fora, em vez de múmias sem vontade, de seres inconscientes, de seres que vegetam nas pasmaceiras das inquietações místicas a olhar para o alto de mãos postas, rosário pendurado ao pescoço, produto da influência clerical, encontrar o homem vivo, o ser pensante audaz e realizador, o homem livre e moderno, produto das concepções científicas do dinamismo da época, do progresso e da civilização (LEÃO, 1934, p.04)

O jornal *A Plebe* constantemente denunciava que os integralistas se aproveitavam dos sentimentos religiosos da juventude brasileira para angariar mais membros para a AIB e, para reiterarem essa afirmativa, publicaram uma carta do ex-militante integralista Sócrates G. Ramos, embora discordando dos seus princípios religiosos. Nessa carta Ramos revela que aderiu ao movimento integralista porque esse só falava em Deus, mas com o tempo descobriu que a apologia às guerras tão presentes nos discursos dos líderes integralistas nada tinha de coerência com os ensinamentos pacifistas do cristianismo:

Eu como perfeito cristão que era (como ainda não deixo de ser) vinha louvando ingenuamente, um tal programa, pois que este só falava em Deus, sendo por isso um programa de conceito espiritual e por consequência realmente são de princípios.
Paralelamente a isto, nós, os integralistas, chegamos, a saber, que no regime integralista havíamos de fazer guerras, pois que são precisas e que elas é que haviam de caracterizar nossa forma cívica de governo no futuro.
Ora, de um lado a santíssima palavra de Deus, palavra que constitui, por si só, mesmo fora de qualquer programa social, todo o princípio de amor, paz e fraternidade; e de outro lado todo o princípio de extermínio humano, selvageria e rapinagem que é a guerra, coisa terrível, mas que os chefes integralistas não deixam de apoiar... tudo isso: uma coisa sã de um lado, e outra coisa que não presta de outro lado, formava o contraste que falei acima (RAMOS, 1935, p.02).

Como podemos observar, com a reorganização do movimento anarquista em São Paulo, os militantes libertários que editavam os jornais *A Plebe* e *A Lanterna*, passaram a atacar com veemência as aproximações que estavam ocorrendo em todo o mundo entre o catolicismo e os movimentos fascistas. Na década de 1930, a imprensa libertária justamente pelo seu caráter doutrinal-ideológico, teve um papel bastante significativo na difusão do imaginário anticlerical e antifascista compartilhado pelos anarquistas, já que atuava como um importante instrumento de

propaganda, que buscava influenciar diretamente na formação política dos seus leitores.

Conclusão

Dentre os movimentos e regimes fascistas que apoiaram a Igreja Católica, os mais “perigosos” dentro do imaginário antifascista dos jornais anarquistas *A Plebe* e *A Lanterna* eram o fascismo na Itália e o integralismo no Brasil. O primeiro por causa do Tratado de Latrão, que selou a união entre o Vaticano e o Estado italiano. Os anarquistas demonstraram os benefícios que esse tratado concedeu para ambas às partes envolvidas, em contraposição aos interesses do povo italiano, que aparece nos jornais enquanto subjugado e explorado pela união consolidada entre fascismo e Igreja.

Entretanto, o que mais preocupou os anarquistas no Tratado de Latrão foi o fato de existirem no Brasil milhares de padres e religiosos vindos do exterior, principalmente da Itália, que exerciam influência tanto na política quanto na educação brasileira, sendo que com a união entre o fascismo e a Igreja, o clero católico poderia ter se tornado uma espécie de “milícia fascista” para agir no exterior, inclusive em território brasileiro.

O Integralismo também mereceu uma série de críticas por parte dos anarquistas, pois era o movimento fascista brasileiro mais expressivo, além de ser defensor dos princípios cristãos. Em muitos momentos a imprensa anarquista demonstrou que o clero apoiava os movimentos fascistas e autoritários que eram favoráveis a Igreja, sendo que no Brasil a “política do clero” era o Integralismo, que em defesa do cristianismo e do catolicismo seria capaz de cometer os atos mais atrozes.

Na luta contra as ligações entre os movimentos fascistas e a Igreja Católica, os jornais analisados se valeram de vários artigos de tom inflamado, pelos quais buscavam mobilizar seus leitores para que tomassem parte na luta anticlerical e antifascista defendida pelos grupos anarquistas de São Paulo.

Referências bibliográficas

Livros:

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. Estado e trabalhadores. In: ARAÚJO, Angela Maria Carneiro (org.). **Do corporativismo ao neoliberalismo: Estado e trabalhadores no Brasil e na Inglaterra.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: LEACH, Edmund (org.). **Anthropos-Homem.** Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BATALHA, Cláudio. **O movimento operário na Primeira República.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

BERTONHA, João Fábio. **Fascismo, nazismo, integralismo**. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **Sobre a direita**: estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo. Maringá: Eduem, 2008.

CORDEIRO, Leandro Luiz. Alceu Amoroso de Lima e a intelectualidade católica frente ao Integralismo. BERTONHA, João Fábio (org.). **Sombras autoritárias e totalitárias no Brasil**: integralismo, fascismos e repressão política. Maringá: EDUEM, 2013.

GERALDO, Endrica. Práticas libertárias do Centro de Cultura Social Anarquista de São Paulo (1933-1935 e 1947-1951). **Cadernos AEL-Anarquismo e anarquistas**. Nº8/9, p. 165-192, IFCH, Campinas, 1998.

KHOURY, Yara Aun. Edgard Leunroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (org.). **A formação das tradições (1881-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LOPREATO, Christina Roquette. **O espírito da revolta**: a greve geral anarquista de 1917. São Paulo: Annablume, 2000.

MAIO, Marcos; CYTRYNOWISKI, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida (org.). **O Brasil Republicano**: O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

TOLEDO, Edilene. **O Amigo do Povo**: grupos de afinidade e a propaganda anarquista em São Paulo nos primeiros anos deste século. Campinas, SP: 1993. Dissertação de Mestrado, IFCH/UNICAMP.

TRINDADE, Hélio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 1930. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974.

VALLADARES, Eduardo. **Anarquismo e anticlericalismo**. São Paulo: Imaginário, 2000.

Artigos dos jornais:

A LANTERNA. São Paulo, ano XI, n.354, 13 jul. 1933.

A LANTERNA. O nosso festival de aniversário. São Paulo, ano XI, n. 381, 12. Jul. 1934.

ALDO. Após o interregno em que a sanha clerical imperou desenfreada. *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n.354, 13 jul. 1933.

A. L. O. Porque a religião quer o integralismo. *A Plebe*, São Paulo, nova fase - ano III, n. 79, 05. Jan. 1935.

A PLEBE. São Paulo, ano III, nova fase - n. 72, 29 out. 1934.

A PLEBE. São Paulo, ano III, nova fase - n. 92, 06 jul. 1935.

A PLEBE. Aos homens livres. São Paulo, nova fase - ano I, n. 03, 03 dez. 1932.

LEÃO, Xisto. A mistificação integralista da clerezia. *A Lanterna*, São Paulo, ano XII, 06 set. 1934.

OITICICA, José. E amanhã? *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n.354, 13 jul. 1933.

ORLANDO. Lanterna Mágica. *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n. 364, 26 out. 1933.

PASSOS, Souza. Clero e fascismo. *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n. 366, 23 de nov. 1933.

RAMOS, Sócrates. Uma carta que revela as mistificações integralistas. *A Plebe*, São Paulo, nova fase- ano III, n. 81, 02 de fev. 1935.

ROGÉRIO, Luís. A questão clerical e "A Lanterna". *A Lanterna*, São Paulo, ano XI, n. 355, 20 jul. 1935.

Fontes e arquivos consultados:

A LANTERNA. São Paulo, 1933-1935. Centro de Documentação e Memória (CEDEM) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), São Paulo.

A PLEBE. São Paulo, 1932 -1935. Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas.